

Nathalya Lomonaco Macchia

Colégio Santa Maria – Av. Sargento Geraldo Santana, 901 Jd. Taquaral - São Paulo SP - CEP 04674-225

Orientador: Professor Bernardo Fonseca Machado

“Mas era só brincadeira” – um estudo de caso da violência contra a mulher.

No estudo de meio proposto pela escola, Roberta, estudante de 13 anos, estava usando uma regata, com a camiseta da escola por cima e um casaco. Após passar o dia inteiro com o moletom embaixo do sol, ela decidiu trocar a camiseta por outra limpa. Como estava com a regata, não achou que seria necessário ir até o banheiro do ônibus apenas trocar de blusa. Roberta conversava com dois garotos, seus colegas de sala. Nesse momento, o motorista pediu para o professor responsável ir até a cabine para resolver a parada no trajeto, ou algo assim. Então, os dois garotos com os quais Roberta conversava chamaram outros colegas gritando: “NOSSA, VEM AQUI VER”. Os quatro meninos, juntos, encurralaram-na na parede e tentaram segurar seus seios, tentando tirar sua blusa e o sutiã. Roberta resistiu, pedindo para que eles parassem e, após algum tempo, assim o fizeram. Durante um período, ela ficou muda, sem conseguir entender o que havia acabado de acontecer. Quando se deu conta, começou a chorar e foi acolhida por uma amiga no banheiro. Tudo aconteceu muito rápido e o episódio já havia terminado quando o professor chegou, perguntou o que havia acontecido e, indignado, ligou imediatamente para o orientador responsável.

Este incidente, verídico, que chamarei de primeira violência, ocorreu no ônibus, voltando de um estudo do meio no interior de São Paulo planejado por um colégio privado na zona sul da capital paulista. Além de se tratar de um episódio extremamente violento, o que aconteceu nas semanas seguintes, já na escola, serviu como exemplo para todos que acompanharam como a violência contra a mulher (neste caso, uma pré-adolescente) é tratada como algo rotineiro, sem importância e até mesmo inevitável. Ficará mais claro.

Chegando em casa após o incidente, foi direto para seu quarto, passando sem falar com a família. Sua mãe, Patrícia, percebeu que algo estava errado e, ao entrar no quarto, viu que ela chorava. Após muita insistência Roberta contou o ocorrido, ainda se sentindo muito

constrangida. Como o professor responsável já havia se prontificado a falar com o coordenador, Patrícia esperou 24 horas por uma resposta do colégio. Como não houve, ligou e foi atendida pela auxiliar de ensino Carla, que informou que todos estavam abismados com o ocorrido e que providencias já haviam sido tomadas (nesse momento informaram que os alunos envolvidos haviam recebido suspensão de um dia). Ainda assim, Patrícia insistiu e pediu que o coordenador Felipe a recebesse. Foi marcada uma reunião que aconteceria em três dias. Felipe começou por reiterar que as providencias já haviam sido tomadas e que as famílias dos alunos haviam sido chamadas. Patrícia se declarou chocada com o ocorrido, principalmente por ter acontecido em ambiente escolar. O coordenador disse que usaria o evento para montar um trabalho com os professores da série com o objetivo de conscientizar os alunos do quão inadmissível havia sido tal comportamento e que daria um retorno. A reunião foi encerrada e Patrícia ficou satisfeita.

No dia seguinte, Roberta foi chamada sozinha na sala do coordenador. Este disse à menina que tudo não passava de brincadeira. Continuou, explicando que esse tipo de comportamento era absolutamente normal nessa idade (13-14 anos) e que, se fosse para ele tomar conta de todos esses casos, ficaria sobrecarregado. Contradizia, portanto, tudo o que havia falado para a mãe da aluna e naturalizava por completo o ato de violência que aconteceu. Aqui faço uma pausa, é importante que lembremos: com esse tipo de discurso não conseguimos provocar reflexão e uma consequente mudança. Aqui temos a segunda violência: Felipe opta por tentar “abafar o caso” e pior que isso, reduzir o fato a algo comum e natural.

Desde que tudo havia começado, Roberta não se sentia mais confortável em estar na mesma classe que os garotos e dizia que, ao ouvir suas vozes, sentia vontade de chorar. Não usava mais shorts como antes e vestia sempre o casaco – ignorando as altas temperaturas. Passava noites em claro apagando quaisquer sinais que houvessem nas redes sociais que indicassem a amizade que um dia teve com os envolvidos, demonstrando o quão traumática uma experiência como essa pode ser. A mãe chegou à conclusão então que seria muito melhor para Roberta mudar de sala e interromper o convívio com os garotos.

Mais uma reunião foi marcada. Felipe então informou que o colégio não costuma mudar os alunos de classe a não ser que se trate de uma ocorrência grave envolvendo violência. A mãe da aluna reagiu: não admitiria que o acontecido fosse tratado de maneira leviana, sem considerar o fato como um ato de violência física e moral. Mesmo reafirmando

que seria quase impossível, Felipe afirmou que marcaria uma reunião com a diretora do colégio, mas que para isso, teria que pensar em uma “desculpa melhor, plausível e pedagógica”, pois aquela não era suficiente. Terceira violência: Mais uma vez, a agressão contra a mulher é naturalizada e dada como algo comum, que não serve de justificativa para “grandes mudanças”.

Roberta foi chamada na sala do coordenador na semana seguinte – sem sua mãe coagindo a aluna e usando sua posição para tal. O homem lhe disse que aquela experiência deveria servir para fortalecê-la, ele não contaria nada para a diretora da escola e assim o caso seria esquecido. Quarta violência: Felipe não só volta a naturalizar todo o ato de agressão sofrido, evidencia que não comunicou a direção, como havia indicado para a mãe de Roberta e, por último, indica que a menina deveria se sentir aliviada por ele “esconder” o caso, evitando que ela fosse exposta. O discurso oculto é: ela deveria se sentir envergonhada e não os agressores.

Houve outras discussões e reuniões até que Roberta foi mudada de sala. Felipe usou o critério de que ela deveria ir para uma “sala mais imatura”, fazendo uma aproximação entre maturidade e respeito à mulher: como se fosse normal que a partir de certa idade os homens desenvolvessem sua sexualidade, tornando-se incapazes de controlar seus desejos. Em uma sala com meninos mais imaturos (portanto “não sexualizados”) ela estaria mais protegida. Ainda assim, o coordenador fez questão de reafirmar que Roberta estava desperdiçando uma oportunidade excelente de aprendizagem: não aprendeu a lidar com “o probleminha” e, por isso, não cresceria.

Após estes episódios relatados de violência não só física, mas moral através do descaso e banalização desta podemos constatar algumas coisas. Primeiramente, o quão traumática essa experiência pode ser. A agressão, que começa no assédio e chega até níveis exorbitantes como o estupro ou espancamento, é extremamente nociva para a vítima. Em segundo lugar, percebemos como mais uma vez a mulher é rebaixada: um ato como esse é tratado como banal (“tenho vários casos desses e não posso cuidar de todos”, como disse Felipe); a vítima é colocada como culpada pelo que lhe aconteceu (“mas você tem certeza que eles não queriam só brincar?”, como se houvesse qualquer diversão para alguém que tem seu corpo invadido). Além disso, percebemos que, mesmo em um colégio de alto padrão, onde as pessoas tem um elevado nível de instrução, a mulher continua por ser rebaixada e culpada por o que quer que lhe aconteça. A violência de gênero não faz distinção etária ou de classe.

Tive acesso a todos os detalhes sobre esse acontecimento por que Roberta, a garota que passou por tudo isso com apenas 13 anos de idade, é minha irmã mais nova. Assim, acompanhei esse processo por inteiro: observei o orientador tentando das mais diversas formas descaracterizar o que havia acontecido como agressão (dizendo que se tratava de brincadeira ou de um “momento de aprendizagem”) e vi a minha irmã em casa aceitando essa culpa, se martirizando pelo que ocorreu. Nunca antes tive uma visão tão clara da imensa necessidade de movimentos feministas. É comum que em outros casos, geralmente distantes, sempre se busque justificativas para a agressão, geralmente atribuindo a responsabilidade na mulher: a roupa da vítima, o horário e o local onde tudo o ocorreu. Esse tipo de atitude, em ultima instância, acaba por acalmar outras mulheres que poderiam estar na mesma situação, dando uma falsa sensação de controle. Por exemplo: *ela* só foi estuprada por que estava bêbada – *Eu*, que não bebo, não corro esse risco; *ela* só foi agredida porque estava vestida de modo inapropriado – *Eu*, que me visto “normal”, estou tranquila. A violência de gênero não possui esse tipo de controle: é algo que está perto, não necessariamente em atitudes físicas, mas em frases, comentários, toques. Nesse sentido, eu, ao presenciar a violência sendo cometida tão perto, com minha irmã, não pude me calar. A responsabilidade é minha, e nossa, para encerrar e desnaturalizar todas essas formas de violência.